



JOÃO PAULO BORGES COELHO: LITERATURA SEM FRONTEIRAS RESENHA

BRUGIONI, Elena; GROSSEGESSE, Orlando; MEDEIROS, Paulo de (eds.). *A companion to João Paulo Borges Coelho. Rewriting the (Post)Colonial Remains*. Oxford: Peter Lang, 2020.

Edvaldo A. Bergamo¹

No Brasil, é quase um lugar comum (re)afirmar e/ou admitir o desconhecimento tendencialmente generalizado (proposital e/ou involuntário) do continente africano (marcado por assombros e por estigmas) em suas múltiplas manifestações, ou o desmerecimento de sua importância ímpar para nossa formação identitária, pelos mais diversos motivos, que vão desde a formação educacional deficitária ao racismo basilar propriamente dito, apesar dos esforços empreendidos de modo especial por certos domínios do círculo acadêmico ou mesmo por iniciativa de setores populares organizados e esclarecidos, empenhados em promover e em fortalecer os liames negligenciados, contudo translúcidos na vida social, cultural, religiosa, etc. do nosso país. Os estudos africanos, os movimentos negros de afirmação da origem afrodescendente, o combate ao preconceito racial têm já décadas de existência e de resistência por aqui, com uma atuação por vezes subterrânea, no ambiente cultural e na arena política brasileira. São ações de ordem criativa e intelectual que visam sublinhar o papel do continente africano na formação da brasilidade como uma contribuição decisiva para a definição do controverso e ambíguo “caráter brasileiro”.

Do mesmo modo, a área de estudos das literaturas africanas, notadamente em língua portuguesa, por estas bandas ganhou algum impulso na universidade em meados da segunda metade do século XX e, por força da lei 10.639/03, certo vigor nas primeiras décadas do século vigente, com reflexos esporádicos nos ensino fundamental e médio. Entretanto, aguarda ainda maior organicidade institucional nos sistemas superiores de ensino, apesar dos generosos e louváveis esforços de inúmeros pioneiros, embora determinadas conquistas sejam de comemorar, no tocante a um conhecimento cada vez mais dilatado e adensado das literaturas oriundas dos países africanos, não só os de língua oficial portuguesa, manifesto em eventos, publicações,

1 Universidade de Brasília (UnB). E-mail: edvaldobergamo@unb.br.



ações artísticas e midiáticas, cujas iniciativas vêm se multiplicando pelo país, com muitos anos de embate e militância. O conhecimento, o estranhamento da poesia, do conto, do romance, do teatro, escritos em língua portuguesa em muitos lugares da África, têm despertado interesse de pesquisadores iniciantes e iniciados, tornando-se uma espécie de revelação, de uma epifania sobre culturas, saberes, sociedades, mitos, num movimento em direção a alteridades abalizadas pela via dos estudos literários, num ato político de ler e de compreender o mundo africano do lado de cá, num modo de “que o mar unisse, já não separasse” povos irmanados por um passado em comum.

A literatura moçambicana, assim sendo, tem encontrado patente receptividade crítica por estes lados, pelo seu valor estético inquestionável e pelo seu valor político e ideológico de enaltecimento da negritude nas suas múltiplas vinculações com o orientalismo índico. Uma cosmogonia a desvelar-se na escrita de autores e autoras que vêm ganhando notoriedade nos estudos africanos brasileiros, designadamente em vista de um público-leitor com potencial acolhedor inigualável, no afã de desbravar novas áreas de transculturação literária de um território múltiplo, dado ser o nosso contingente populacional o maior dos países de língua oficial portuguesa.

A bem dizer, a prolífica obra do escritor e cidadão moçambicano João Paulo Borges Coelho apenas começa a ser editada, lida, divulgada e pesquisada com maior largueza no âmbito dos espaços universitários brasileiros, tanto quanto difundida, conhecida do público em geral daqui. O aludido romancista, muito acima do historiador, vai se tornando cada vez mais uma voz singular, instigante, na cartografia do mapa cultural do oceano Índico por conhecer. Abordando campos humanísticos convergentes e ao mesmo tempo dialeticamente colidentes, a obra de Borges Coelho estimula as conexões auspiciosas entre ficção e história, memória e testemunho, memória e poder, colonização e descolonização, opressão e emancipação, localismo e cosmopolitismo, nacional e transnacional, colonial e nacional, entre outras demandas epistêmicas, sob uma perspectiva contemporânea. O projeto literário de Borges Coelho, em sua correlação benfazeja com sua atividade profissional de investigador e professor, desde os anos 1970, enquadra a formação histórica, nacional e social de Moçambique na grande cena da geopolítica regional da África austral, bem como no panorama internacional do capitalismo global, com repercussões nas dinâmicas culturais, sociais e econômicas da nação atada aos “índicos indícios” da questão da violência enraizada ainda com muita visibilidade. Trata-se de um conjunto de obras movido por um processo criativo mesmo em plena ascensão, o qual está comprometido em retratar a diversidade, a pluralidade, a complexidade da figuração estética da sociedade moçambicana que se equilibra entre os resíduos, os vestígios, as marcas do longo período colonial luso-europeu e as adversidades e dissabores de um presente-futuro pós-colonial, caracterizado por novos e outros confrontos e empecilhos que (re)acomodam a contemporaneidade, em face de uma conjuntura demarcada pela extrema desigualdade social, pela violação de direitos humanos, pela espoliação das riquezas naturais, pela desarticulação de

valores ancestrais, pela influência estrangeira próxima ou distante, aspectos que molduram os desafios atinentes a um projeto político e cultural de uma identidade nacional *in progress* como uma contenda permanente por lá.

O livro em tela é a primeira publicação em língua inglesa totalmente dedicada ao exame crítico rigoroso da obra de João Paulo Borges Coelho. São 11 textos, sendo que o primeiro destaca-se por ser um texto artístico do próprio autor moçambicano em escrutínio: “O pano encantado”, com a tradução para o inglês do David Brookshaw, um bem informado conhecedor das literaturas em língua portuguesa. Um bônus que a coletânea de ensaios ostenta, oferecendo ao público interessado tal narrativa curta como entrada especialíssima na órbita ficcional do escritor. Na verdade, após a apresentação bastante cuidada da obra coletiva pelos organizadores, com foco detido no resumo em caráter divulgativo das obras do escritor em apreciação até o momento da presente edição, há uma pequena biografia de Borges Coelho destinada ao domínio anglófono, demarcando o percurso pessoal e profissional do autor em análise, que hoje se dedica totalmente à literatura, depois da aposentadoria como professor da Universidade Eduardo Mondlane, sediada em Maputo.

O primeiro estudo analítico de Borges Coelho, de Paolo Israel, aplica-se ao exame da trajetória do historiador, expondo as dificuldades da investigação empírica em Moçambique, a prospecção do registro documental ou oral de um país africano recém-independente, especialmente no contexto da guerra civil e da hegemonia partidária da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique), principal organização política responsável pela libertação nacional. As ações de pesquisa podiam esbarrar em adversidades subliminares, contrariar interesses ideológicos específicos, sendo que efetivamente muita papelada importante estava e ainda está vedada ao profissional da alçada da historiografia. No entanto, é nesse movimento de desvendamento do passado próximo de Moçambique que o literato vai ganhando, conquistando um território apropriado para o exercício da invenção, do imaginário ficcional, visto que, por exemplo, o seu primeiro romance, *As duas sombras do rio*, surge de uma pesquisa realizada no intuito de conhecer mais as disputas históricas, os distúrbios sociais que tiveram como cenário predominante o interior o país, mais a norte.

O artigo seguinte, de um dos maiores especialistas na obra de Borges Coelho, Nazir Can, especula sobre a importância da reminiscência na constituição dos romances e novelas do autor em vista, uma vez que história e memória, história e testemunho, memória e testemunho são ferramentas decisivas para todo o historiador atento aos avanços da epistemologia historiográfica no século XX, como é o caso do autor focalizado. Estamos diante de um romancista em que a memória pessoal e pública é fator determinante para a composição narrativa na fronteira movediça, incerta e nebulosa entre a verdade e a fantasia, um processo criativo instigante que somente obtém integral desenvolvimento no campo artístico.

Outro elemento categórico, avaliado por Ana Mafalda Leite, na obra de Borges Coelho é a oralidade (língua, mito e sociedade) proveniente do mosaico de vozes e performances que formam o oceano Índico, de maneira especial a figuração do intercâmbio cultural entre os povos que habitam as ilhas do canal de Moçambique e a imensa costa do país, dando expressão estética a um tipo característico de geografia transnacional que se encontra em uma obra narrativa tão diversa no tema e na forma, visto que incorpora o manancial ancestral ao laboratório da escrita literária.

As interações entre o oceano e o território moçambicano podem ser também lastreadas na contística do autor em tela, como observa Rui Gonçalves Miranda, ao examinar o texto “A força do mar de agosto”. “Indícios” históricos, sociais, culturais, linguísticos de ancestralidade e de atualidade que perfazem a nação moçambicana na geopolítica do continente e do globo, entre o sul e o norte, entre o litoral e o interior, entre o mar e a terra, entre o rural e o urbano, entre o campo e a cidade, entre o tradicional e o contemporâneo, num movimento que toca os delimites do ser e estar de uma nação plural, para dizer o mínimo.

Numa obra em plena ascensão, alguns romances e algumas novelas vêm ganhando notoriedade crítica pelas indagações estéticas e ideológicas que agenciam e evidenciam o quadrante instável das intermitências pós-coloniais no continente africano. São, assim, relevantes as particularidades da forma literária do romance histórico na literatura moçambicana e sua interligação dialética com as performances do tempo outro da pós-colônia, em vista do esforço de representação de um discurso histórico descolonizado, tanto como historiador propriamente dito, assim como romancista inovador premiado. Como exemplo, temos a paródia transgressora do gênero romanesco, numa (re)leitura do passado local e mundial que associa o enfoque no mapeamento dos vestígios historiográficos do passado às múltiplas práticas da colonialidade do poder e do saber no presente da escrita ou da necessária descolonização total das mentalidades. Os artigos de Elena Brugioni, Emanuelle Santos e Orlando Grossegese capturam na prática da razão crítica a dimensão profunda da figuração estética e humanista conseguida pela narrativa de extração histórica de Borges Coelho em que o passado é espelho de reflexo comprometido do presente.

Ademais, como demonstram outros estudos dispostos no livro em apreço, algumas novelas escolhidas de Borges Coelho estão a explorar igualmente os dissensos das sociedades contemporâneas na África Austral, como confirmam os capítulos a cargo de Jéssica Falconi e de Paulo de Medeiros. Vizinhos tão próximos e tão distantes, com um comportamento eivado de estranheza e de estigmas, proporcionado por uma indústria do turismo caracterizada pela mercantilização lucrativa e grotesca de alteridades alternativas (inventariada como experiências de exotismo e de excentricidade), num Moçambique a (re)conhecer, especialmente pelos brancos sul-africanos, também o outro do outro. Catástrofes climáticas que devastam territórios, com regularidade atemorizante, repondo uma vez mais a miséria econômica avassaladora e a

desigualdade social que timbram e rotulam o continente negro como lugar de fome e de morte, e de luta (pela água), sendo a crise ecológica um fator de acréscimo numa situação calamitosa renitente, aparentemente sem fim.

Cabe destacar, finalmente, como aspecto recorrente das análises enfeixadas nesta seleta de estudos em causa, a retomada oblíqua ou nem tanto, por vezes transversal, e deveras promissora, da categoria de realismo literário, ou melhor, de realismo periférico (e de literatura-mundial) para desvendar os meandros mais significativos da produção narrativa de Borges Coelho, com destaque a certo núcleo principal de obras mais perscrutadas no conjunto de ensaios arrolados: *As visitas de Dr. Valdez*, *O olho de Hertzog* e *Rainhas da noite*. Romances nos quais vigoram as leis estéticas do alto realismo histórico (sem quaisquer vínculos com uma ideia de escola literária do século XIX), visto que postula como horizonte de possibilidades transformadoras o movimento contraditório da história moçambicana e africana no sistema-mundo do capitalismo globalizado e da literatura moçambicana na república mundial das letras, “no contexto do desenvolvimento desigual e combinado”.

O exemplar apreciado pertence à coleção “Reconfiguring Identities in the Portuguese-Speaking World” da editora inglesa Peter Lang, volume 14. Trata-se, portanto, de mais uma significativa reunião de ensaios marcantes, desde já fundamentais, para a compreensão diligente do complexo universo ficcional em desenvolvimento de João Paulo Borges Coelho, à disposição do leitor interessado de paragens além-fronteiras da língua portuguesa.